Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB

APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

IZILDA RODRIGUES VIANA ASSIS

ORIENTADORA: **SUSANA SILVA CARVALHO**

BRASÍLIA /2011

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

IZILDA RODRIGUES VIANA ASSIS

APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB - Pólo de Ipatinga.

Orientadora: Professora Mestre Susana Silva Carvalho.

BRASÍLIA /2011

TERMO DE APROVAÇÃO

IZILDA RODRIGUES VIANA ASSIS

APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

_____

SUSANA SILVA CARVALHO (Orientadora)

_____

ROSANIA APARECIDA STOCO DE OLIVEIRA (Examinadora)

IZILDA RODRIGUES VIANA ASSIS (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Em especial quero dedicar esse trabalho a todas as crianças que possuem algum tipo de deficiência seja física ou intelectual, posso dizer que aprendi e aprendo muito com elas.

Dedico também a Luíz Francisco Valadão, que tem Paralisia Cerebral. Com ele aprendi e aprendo muito todos os dias... Ele me mostra todos os dias a riqueza da vida, o amor, o carinho, a alegria, a esperança... Ele me ensina a ser forte, a ter coragem, a buscar... A ver o mundo com outros olhos. Ele é um exemplo vivo de *Superação.*

Essas crianças contribuíram significativamente para a realização desse trabalho, pois sempre quando batia a canseira, o desânimo, às dificuldades que encontramos para que esse trabalho se realizasse, sempre pensei nelas...

Em suas forças de vontade, nas suas alegrias, nas suas dificuldades... Que no caso são bem mais complexas do que as nossas.

Nelas busquei força, para me levantar e continuar a realizar esse trabalho, renovando as minhas energias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela coragem e por renovar as minhas energias...

“Ele dá ânimo ao cansado e recupera as forças do enfraquecido. Até os jovens se fatigam e cansam, e os moços também tropeçam e caem, mas o que esperam em Deus renovam suas forças, criam asas, como águias, correm e não se fadigam, podem andar que não se cansam” (Isaías 40, 29-31).

Ao meu marido Jacinto Flávio, pela compreensão, pelo apoio e por acreditar em mim.

Aos meus filhos, Flavio e Sarah pela confiança, paciência e incentivo...

EPIGRAFE

Quem sou eu?

Eu sou uma pessoa normal.

Mas o que é ser normal?

Será que ser normal é: ter braços, pernas, ser bonita, ter uma boa aparência, falar, escrever e ler.

Conheço pessoas que são especiais.

O que é ser especial?

Ser especial é: ter força de vontade, lutar todos os dias para sobreviver, lutar contra o preconceito e ser feliz.

Quando olho, para uma criança especial, ela está sempre sorrindo.

Porque será que nós normais, não sorrimos assim como elas?

Vivemos num mundo, onde não reconhecemos, o valor das ações simples.

Como um obrigado, o valor de uma amizade, o simples fato de estar chovendo, o arco-íris, o sol, a lua, são coisas as quais não damos o devido valor.

Acontecimento do dia a dia como algo normal.

Mas não é.

Essas coisas são especiais para os nossos olhos, sem elas não sobrevivemos.

As crianças, os adultos especiais são pessoas indiscutíveis com elas aprendemos, a viver, a sorrir, a amar e a ser feliz.

O CADERNO

Eu não sei se você se recorda do seu primeiro caderno,

Eu me recordo do meu

Com ele eu aprendi muita coisa

Foi nele que descobri que a experiência dos erros,

Ela é tão importante quanto à experiência dos acertos

Por que vistos de um jeito certo, os erros, eles nos preparam para nossas vitórias e conquistas futuras.

Por que não há aprendizado na vida que não passe pela experiência dos erros

Caderno é uma metáfora da vida, quando erros cometidos eram demais eu me recordo que nossa

Professora nos sugeria que a gente virasse a pagina

Era um jeito interessante de descobrir a graça que há nos recomeços

Ao virar a pagina os erros cometidos deixavam de nos incomodar e a partir deles a gente seguia um pouco mais crescido

O caderno nos ensina que erros não precisam ser fontes de castigos

Erros podem ser fontes de virtudes

Na vida é a mesma coisa

O erro tem que estar a serviço do aprendizado

Nenhum tem que ser fonte de culpas, de vergonhas.

Nenhum ser humano pode ser verdadeiramente grande sem que seja capaz de reconhecer os erros que cometeu na vida

Uma coisa é a gente se arrepender do que fez

Outra coisa é a gente se sentir culpado

Culpas nos paralisam, arrependimentos não.

Eles nos lançam pra frente, nos ajuda a corrigir os erros cometidos

Pe. Fábio de Mello

RESUMO

O tema pesquisado foi a aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais. O presente trabalho teve por finalidade estudar o processo de inclusão, em uma escola regular, no Município de Ipatinga MG, enfatizando a aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais. Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos questionários e observações feitas em sala de aula. Falar em escolas inclusivas, tem que se falar do papel do professor, pois este tem que criar maneiras para que esse aluno aprenda, abusar da sua criatividades ao preparar as suas aulas, esses alunos tem que participar de todas as disciplinas escolares, usar o jogo e a brincadeira como forma de ensinar, trabalhar com esse aluno a linguagem e a escrita. Várias são as metodologias utilizadas para despertar o interesse deste aluno. Para embasamento teórico fez-se estudo de vários autores dentre kelman [*et al.*] (2010), Silva (2010) entre outros A pesquisa foi realizada na Escola Municipal JK, onde foram entrevistados quatro professores e dois pais de alunos com necessidades especiais. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, tendo como instrumento de abordagem a pesquisa bibliográfica onde aconteceu através da leitura e interpretação de contribuições teóricas já existentes sobre o assunto abordado, mantendo desta forma o que Maciel e Raposo (2010) propõe, um diálogo de construção do conhecimento. Como conclusão o estudo aponta para novas atitudes, novos questionamentos, um novo olhar sobre os alunos com necessidades educacionais especiais e as possibilidades de concretizar sua aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Intelectual – Família -.Desenvolvimento - Inclusão - Aprendizagem

SUMÁRIO

RESUMO

APRESENTAÇÃO …..……..….....10

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA…….14

1.1 – Reflexões sobre o desenvolvimento da aprendizagem das crianças especiais.....

1.2 – Conceito, causas e prevenção da deficiência intelectual.....16

1.3 A Participação da família na vida escolar da criança com NEE……....……...18

1.4 A Motivação como fator determinante na aprendizagem 19

1.5 Um novo olhar para a criança com NEE..... 22

2 OBJETIVOS…….....…..……..24

3 METODOLOGIA 25

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 29

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS……...……...42

REFERÊNCIAS.....44

APÊNDICES……....……..……..45

A – Questionário para Professor (Modelo

B – Questionário para os pais (Modelo)

ANEXOS…….....…….53

A – Carta de Apresentação

B – Carta de consentimento

APRESENTAÇÃO

O direito do aluno com necessidades educativas especiais e de todos os cidadãos à educação é um direito constitucional. A garantia de uma educação de qualidade para todos implica, dentre outros fatores, um redimensionamento da escola no que consiste não somente na aceitação, mas também na valorização das diferenças. Esta valorização se efetua pelo resgate dos valores culturais, os que fortalecem identidade individual e coletiva, bem como pelo respeito ao ato de aprender e de construir. Fala-se aqui de uma escola que se prepara para enfrentar o desafio de oferecer uma educação inclusiva e de qualidade para todos os seus alunos. Considerando que, cada aluno numa sala de aula apresenta características próprias e um conjunto de valores e informações que os tornam únicos e especiais, constituindo uma diversidade na tentativa de construir um novo conceito do processo ensino aprendizagem, eliminando definitivamente o seu caráter segregacionista, de modo que seja incluído neste processo todos que dele, por direito, são sujeitos. Esta motivação será fator determinante para que ocorra a aprendizagem da criança especial. A prática educativa é bastante complexa, pois o contexto de sala de aula traz questões de ordem afetiva, emocional, motora, cognitiva, física e de relação pessoal. Aprender é uma tarefa árdua, na qual se convive o tempo inteiro com o que ainda não é conhecido.

A qualidade da intervenção do professor sobre o aluno ou grupo de alunos, os materiais didáticos, horários, espaço, organização e estrutura das classes, a seleção de conteúdos e a proposição de atividades concorrem para que o caminho a ser percorrido pelo aluno seja de sucesso ou não.

É preciso dar sentido aos conteúdos buscando sempre práticas pedagógicas criativas, estimulando, respeitando o ritmo da criança fazendo com que a deficiência não determine até onde a criança pode chegar.

O que é motivação para o desenvolvimento de uma pesquisa nesta área é que tenho a consciência, o compromisso e a responsabilidade de saber que não basta garantir um espaço na sala de aula para promover a inclusão das crianças especiais com os colegas.No

início de 2010 me vi a frente de um desafio na Escola M. JK, assumir uma turma de 3° ano 100% homogênea. Algumas pessoas acharam um absurdo. Todas as crianças com defasagens de aprendizagem, com um histórico de repetência e muita indisciplina. Procurei a princípio ganhar a confiança dos alunos, fiz com que eles entendessem o real motivo de estarmos ali. Fiz um propósito em meu coração de fazer a diferença para aquelas crianças! Trabalhei com uma metodologia diferenciada. E quando a gente acredita no que faz podemos ter a certeza de que tudo dá certo. Tal qual foi o sucesso com esta referida turma que este ano a escola formou outra turma com as mesmas características. Uma das crianças apresenta Síndrome de Down e duas com Paralisia Cerebral. Me sinto presenteada com meus dois trabalhos.

A inclusão é um movimento social que desafia a escola e a todas as pessoas envolvidas no processo, sendo assim a escola se torna um local da diversidade, que se reflete na quantidade de recursos e estratégias de ensino com o principal objetivo: motivar as crianças e fazer com que elas aprendam. Ao profissional da educação, cabe ser criativo e dinâmico, buscando sempre novas metodologias e novas idéias tornando assim as aulas mais interessantes e isso está diretamente ligado ao aprendizado do aluno com necessidades especiais.

O professor deve estar sempre se atualizando e buscando novas formas de construir o conhecimento com o aluno. E isto pode ser feito através de atividades lúdicas que na maioria das vezes acontecem com materiais alternativos e de fácil acesso do professor e até mesmo do aluno.

> Em vez de um professor rigoroso do ponto de vista comportamental, talvez seja melhor investir no professor como parceiro mais experiente, entusiasta de conquistas. [...] A didática também pode ser envolvente. Em vez de longas fórmulas para decorar, problemas que envolvam áreas distintas do conhecimento e fontes diversas como livros, internet colegas. Em vez do mecânico, o lúdico. Em vez do teórico, o prático [...].(CHALITA, 2001,p 82)

O que pode motivar a criança especial para a aprendizagem? A preocupação com essa temática levou-me a encaminhar uma investigação teórica sobre o que realmente motiva ou

não as crianças especiais inseridas no ensino regular a participarem das atividades de ensino e aprendizagem em sala de aula, bem como o que o professor pode fazer para favorecer essa motivação. Assim, a finalidade deste trabalho foi lançar uma luz sobre este dilema que aflige todo e qualquer professor que realmente se importa com o fato de seus objetivos didáticos – pedagógicos estarem sendo atingidos ou não.

A criança especial precisa ser estimulada a ter uma boa auto-estima, a aceitar seu modo único de ser; procurando um desenvolvimento conjunto, com igualdade de oportunidades para todos e respeito a diversidade humana e cultural. Um dos insucessos entre as crianças especiais é a falta de motivação para a aprendizagem, pois muitas tem a consciência de que são incapazes.

O processo de aprendizagem é pessoal, sendo resultado de construção. Desta forma a aprendizagem numa perspectiva cognitivo-construtivista, é como uma construção pessoal resultante de um processo experimental interior a pessoa e que se manifesta por uma modificação de comportamento. Cabe aos educadores proporcionar situações de interação tais, que despertem no educando especial motivação para interagir com o objeto do conhecimento, com seus colegas e professores. O processo de desenvolvimento dá-se na diversidade e na qualidade das suas interações.

Diante deste contexto percebe-se que a motivação deve ser considerada pelos professores de forma cuidadosa, procurando mobilizar as capacidades e potencial dos alunos especiais.

É fundamental que a criança queira dominar algumas competências. O desejo de realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer ao aluno o conhecimento de seus avanços.

Para efetivação dos objetivos este trabalho foi dividido em partes: A primeira com a Fundamentação Teórica, dividida em tópicos, abordando: no primeiro tópico os aspectos básicos sobre o desenvolvimento das aprendizagens de crianças com necessidades especiais. No segundo tópico foi feito uma breve exploração sobre conceitos as causas e prevenção da deficiência intelectual. O terceiro tópico trata da participação da família na vida escolar da criança com necessidades especiais e não poderia deixar de mencionar o fator motivação que é primordial para aprender sendo mencionado no quarto tópico. Para finalizar no quinto

tópico é feito uma menção ao novo olhar para a criança com necessidades educativas especiais.

A segunda parte encontra-se descritos os objetivos do trabalho. Na terceira parte tem-se a Metodologia aplicada nesta pesquisa que tem como parâmetros as idéias básicas de Maciel e Raposo (2010, p. 74) sobre o enfoque construtivista que defende “o sujeito humano como um ser ativo, que dispõe de uma competência cognitiva que lhe permite ser construtor do seu próprio conhecimento e a noção da importância do contexto para aprendizagem.” Os participantes desta pesquisa foram os quatro professoras (P1, P2, P3, P4) que responderam o questionário, dois casais de pais de alunos (F1, F2).

E, como concretização empírica deste trabalho um tópico com os Resultados e Discussão, onde é apresentado os resultados e discussão sobre os dados coletados em campo, ou seja, os relatos das atividades e comportamentos dos educandos/professor em sala de aula.

1 - **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

1.1 – Reflexões sobre o desenvolvimento da aprendizagem das crianças especiais

Os estudos sobre o desenvolvimento das crianças especiais se destacam devido a Lev Seminovich Vigotsky que no inicio do século XX apresentou novas concepções sobre o desenvolvimento humano. As crianças especiais têm um processo diferente de desenvolvimento. Em alguns casos apresentam desmotivação e incômodo com as tarefas escolares por um sentimento de incapacidade, que leva a frustração.

Os professores precisam ter um olhar diferenciado para estas crianças, trabalhando e identificando suas potencialidades e habilidades. A maioria das escolas de hoje são muito conteudistas. É preciso mudar a forma de ensinar para mudar a forma de aprender. É preconceito achar que todos aprendem da mesma forma. Existem diferentes formas de promover o desenvolvimento das crianças.

Para obter resultados concretos é preciso ser feito um trabalho em conjunto entre pais, psicólogos, psicopedagogos, escolas e professores, que deverão estar envolvidos com um único objetivo: ajudar a criança.

O primeiro passo é compreender como a criança aprende, certos de que todas as crianças podem aprender, mas não em qualquer situação. A aprendizagem se dá a todo momento da vida. Para que possa aprender a criança precisa se envolver no processo de aprendizagem, interagir seja com o adulto ou com o meio. Com a criança especial, a principio trancafiada em casa no convívio familiar, não era exposta a sociedade, este processo também acontece. Hoje exposta em um ambiente em que se sinta desafiada a tentar mais, a desenvolver seu potencial, ela acaba sendo relegada a um cantinho da sala, executando uma tarefa simples qualquer sem nenhum objetivo pedagógico.

Segundo SILVA et alli (2010, p. 211), Vygotsky afirma que “é importante ter uma visão positiva da deficiência, pois uma criança com deficiência não é uma criança defeituosa”. Seus

estudos foram focalizados em como se dava o desenvolvimento dessas crianças a partir dos pressupostos gerais que orientavam a sua concepção do desenvolvimento de pessoas consideradas normais. Para Vygotsky de acordo com Silva (2010 p. 210),

> o desenvolvimento de uma criança sem deficiência e de uma criança com deficiência segue as mesmas leis gerais; a diferença encontra-se nas peculiaridades do desenvolvimento de cada uma, determinando formas singulares de interlocução com outros e de intervenção no mundo.

Partindo desses pressupostos ele destacou somente aspectos qualitativos desses indivíduos, que fizeram com que as crianças com NEE, fossem não simplesmente menos desenvolvidas em determinados aspectos, mas sujeito que se desenvolvessem de uma outra maneira. Tal análise possibilitou uma compreensão dialética do desenvolvimento, na qual os aspectos tidos como normais e especiais interagem constituindo os sujeitos com necessidades especiais.

Vygotsky *apud* Monteiro (1989 p. 89) em seus estudos;

> centrou sua atenção nas habilidades e que tais crianças possuíam, habilidades estas que poderiam formar bases para o desenvolvimento de suas capacidades integrais, mostrando interesse mais pela força do que por suas falhas, rejeitando as descrições quantitativas por ser instrumentos com visão incompleta ou unidimensional sobre a criança. Preferiu, então, confiar nas descrições qualitativas da organização de seus comportamentos.

Para este pesquisador a qualidade do aprendizado do educando com deficiência sobrepõe a quantidade de conteúdos. Monteiro (1989 p. 94) ainda continua dizendo que;

> desde os primeiros anos de vida, a criança que apresenta uma deficiência ocupa uma certa posição social especial, onde sua relação com o mundo ocorre de maneira diferente das crianças “normais”. Geralmente atribuí-se uma série de qualidades negativas às pessoas portadoras de deficiências, e fala-se muito sobre as dificuldades de seus desempenhos, por pouco se conhece das suas particularidades positivas.

Desse modo, homogeneiza-se suas características, falando muito de suas falhas esquecendo de falar sobre as características positivas que as constituem como pessoa. “É impossível apoiar-se no que falta a sua criança, naquilo que ela não é. Torna-se necessário ter uma idéia, ainda que seja vaga, sobre o que ela possui, sobre o que ela é”.(VYGOTSKY *apud* MONTEIRO, 1989, p.102).

Na educação especial, o importante é conhecer como o aluno se desenvolve, ou seja, enfatiza não a deficiência em si mesma, não o que falta, porém como se apresenta o processo de

desenvolvimento; como ele interage com o mundo: como organiza seus sistemas de compreensão; as trocas; as mediações que auxiliam na sua aprendizagem; a participação ou exclusão da vida social; a sua história de vida.

Deve-se reconhecer que a deficiência possui uma dupla influência no desenvolvimento, se por um lado atua como limitação, criando obstáculos, prejuízos e dificuldades, por outro serve como estímulo para o desenvolvimento das vidas de adaptação, canais de compreensão.

Quando se limita a oportunidade de integração do educando com necessidade especial em relação ao seu contexto social interfere em seu desenvolvimento. A sua exclusão do meio social lhe traz complicações de um desenvolvimento social insuficiente, com considerável prejuízo na aprendizagem e no desenvolvimento.

A escola, por sua vez, é um espaço interativo por excelência, possuindo grande papel no desenvolvimento, oportunizando a integração social, impulsionando a aprendizagem, criando zonas de desenvolvimento proximal, propiciando as compensações às necessidades especiais, tornando-se necessário entender como são desenvolvidas as propostas educacionais voltadas às crianças com NEE, pois "o aprendizado é uma das principais fontes da criança em idade escolar, e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando odestino de todo o seu desenvolvimento mental." (VYGOTSKY apud MONTEIRO, 1989, p.74).

Uma das preocupações de Vygotsky foi analisar as práticas institucionais da educação especial, pois reconhecia o grande papel da aprendizagem escolar no desenvolvimento das crianças com necessidades especiais. Ele criticou a prática de isolamento das propostas da escola especial. Por encerrar o aluno com necessidades especiais criando um mundo pequeno estreitando as suas oportunidades, acomodando-se.

1.2 Conceito, causas e prevenção das deficiências intelectuais.

Ao longo da trajetória histórica das deficiências o conceito de Necessidades Educacionais Especiais foi adotado e redefinido a partir da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), quando passou a abranger; todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam

deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Tanto as crianças em desvantagem como as chamadas superdotadas, bem como crianças em situação de risco, que trabalham, de populações remotas ou nômades, pertencentes a minorias étnicas ou culturais, e crianças desfavorecidas ou marginais, bem como as que apresentam problemas de conduta ou de ordem emocional.

De acordo com Gomes (et alli) (2007 p. 16) o,

> Numero de alunos categorizados como deficientes mentais dói ampliado enormemente, abrangendo todos aqueles que não demonstram bom aproveitamento escolar e com dificuldades de seguir as normas disciplinares da escola. O aparecimento de novas terminologias, como as "necessidades educacionais especiais", aumentaram a confusão entre os casos de deficiência mental e outros que apenas apresentam problemas na aprendizagem, por motivos que muitas vezes são devidos às próprias práticas escolares.

Desta forma e diante das perspectivas histórico cultural o termo deficiência intelectual é recente e como afirma Sassaki (2005) *aput* Silva (2010 p. 210)

> Faz uma reflexão sobre o uso desses termos: ao longo dos anos a expressão Deficiência Mental foi amplamente utilizada. Nos últimos anos, no entanto, há uma tendência na adoção de Deficiência Intelectual, uma vez que essa nomenclatura refere-se ao funcionamento do intelecto e não ao funcionamento da mente como um todo.

As causas da deficiência intelectual são inúmeras e complexas, envolvendo fatores pré, peri e pós natais. O diagnóstico da causa é muito difícil, englobando fatores genéticos e ambientais.
Desta forma temos como causa as infecções e drogas na gravidez, as dificuldades no parto, prematuridade, meningites, traumas cranianos, etc. Lembrando que a mesma causa pode produzir efeitos muito diferentes em crianças. Casamentos entre parentes, idade materna avançada também são fatores que predispõe a deficiência. Sobre este tópico há de se desenvolver trabalhos posteriores referente ao tema.

Quanto a prevenção em tempos atuais se respalda em exames patológicos, exames de imagem, ressonância especifica, etc. O acompanhamento pré-natal adequado diagnostica infecções ou problemas maternos que podem ser tratados antes que ocorram danos ao feto. Além disso, uma gestação com alimentação e práticas de vida saudáveis também favorecem o

desenvolvimento adequado do feto. Vários testes pós natal é a maneira mais efetiva de prevenção da deficiência intelectual em casos de fenilcetonúria e hipotireoidismo congênito. Do ponto de vista pós-natal, a aplicação de vacinas, alimentação adequada, ambiente familiar saudável e estimulador, cuidados relacionados aos acidentes na infância, aconselhamento genético para famílias com casos de deficiência existentes, também são poderosos aliados na prevenção. A inclusão social é um instrumento extremamente importante na determinação da qualidade de vida desta pessoa, pois lhe permite o acesso a todos os recursos da comunidade, que favorecerão o seu desenvolvimento global.

1.3 - A participação da família na vida escolar da criança com NEE

Antes mesmo de ser inserido em um contexto escolar, a criança se desenvolve em um contexto familiar. Kelman (2010, p. 40) diz que "a família é certamente o principal e o primeiro contexto de desenvolvimento no qual o ser humano vive. Suas experiências dentro do seio familiar o marcarão por toda a vida". Esta experiência pode ser positiva ou negativa. Se acaso for positiva o reflexo futuro será positivo. Os pais de crianças com necessidades educativas especiais enfrentam inúmeros desafios e situações difíceis, circunstâncias com que os outros pais nunca se depararão. Os desafios em muitas vezes iniciam dentro do próprio lar, quando a criança depara com situações inusitadas até mesmo para os próprios pais. Pois como afirma Kelman (2010) "o que afeta uma das pessoas constituintes da família, afetará a todos os outros membros". Esta autora ainda vai além com um exemplo de família que pode ser vivida com muitas crianças especiais.

> Quando nasce um segundo filho, que diagnosticado como tendo síndrome de down. A interdependência dos membros se expressa com mais intensidade quando nasce um filho que tem uma deficiência. As dificuldades que a família vai enfrentar poderão afetar a todos os membros. Ou todos colaboram, ou pode acontecer de a mãe se sentir tão culpada pelo nascimento do filho com uma deficiência que é capaz de esquecer-se dos demais membros da família. Esta negligencia pode implicar em abandono, a tal ponto que o marido desiste de pertencer a este núcleo familiar, separando-se da esposa. (KELMAN, 2010 p. 40-41)

Neste exemplo é claro o tipo de família que a criança com necessidades especiais irá encontrar, causando muitas vezes maiores dificuldades para esta criança.

Com dificuldades já em casa, ela fora deste contexto se vê perdida, inútil, totalmente excluída. Quando as influências são positivas, encontra o apoio o carinho e atenção, a proteção certa o amor incondicional e respeitoso, o valor ideal, o principio de moral e costumes, um ser social e humano que se relaciona bem consigo e com o outro.

A relação entre a escola e as famílias de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) apresenta- se num contexto de complexidade derivado, sobretudo, da multiplicidade dos tempos sociais. Com frequência, só quando a criança é mais velha e se relaciona com companheiros da mesma idade é que a problemática que apresenta se torna mais evidente para os pais. Os profissionais sentem extrema dificuldade em orientar os pais, enquanto estes se recusam a admitir que o seu filho ou filha tem necessidades educativas especiais. Por estas razões, é importante que os educadores estejam igualmente sensibilizados para os problemas dos pais e os ajudem a estabelecer para os filhos objetivos acadêmicos e sociais razoáveis. Como diz Kelman (2010),

> Para que os valores do respeito à diferença possam ocorrer, é necessário formar crianças que desde pequenas aprendam e aceitem os padrões de comportamento diferentes dos seus. Nesse sentido, a família e posteriormente a escola, ocupam o papel de ajustar a criança a padrões desejados socialmente: bons níveis de escolarização, atitudes orientadas positivamente para as práticas culturais que se desenvolvem dentro de determinado contextos social. (KELMAN, 2010 p.50).

Os pais e os professores precisam desenvolver a consciência individual da criança, enfatizando as qualidades, os pontos fortes e os talentos que a tornam única. Desde que lhe seja dada a oportunidade para tal, toda a criança com necessidades educativas especiais pode dar o seu contributo para a experiência familiar, resta valorizar as respostas, acreditar no que são capazes e dar um tempo, pois as crianças com necessidades especiais necessitam de tempo para processar o aprendizado.

1.4- A motivação como fator predominante na aprendizagem

Uma das virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração, nesta perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar a atividade. Ao sentir-se motivado o indivíduo tem vontade de fazer alguma coisa e se torna capaz de manter o esforço

necessário durante o tempo necessário para atingir o objetivo proposto. Fonseca (1995, p.131) diz que “para aprender é necessário estar-se motivado e interessado. A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo (“sede”, “curiosidade”, etc)”.

Muitas vezes quando os professores se deparam com uma criança que não produz e que não acredita em si mesma, acham que esta condição é própria da deficiência intelectual. No entanto não é. É fruto de uma longa história de fracasso e de descaso, que deve ter fim.

Frequentemente, tudo que a criança precisa é de um professor que se interesse pelo que ela tem a mostrar (mais do que pela sua condição de dificuldade ou pelo que ela “não sabe” fazer). Se o adulto depositar nela alguma confiança e lhe propiciar condições para que ela possa demonstrar o que sabe, esse será o primeiro passo para que essa criança se sinta mais motivada a aprender.. Alguns alunos, em relação aos estudos, querem e se esforçam; entretanto, outros são claramente apáticos ou simplesmente desistem.

O aluno quer ou não quer, ou seja, se interessa ou não se interessa por determinadas atividades. Mais do que isso, o aluno se interessa em diferentes graus de intensidade por diferentes objetos. Quando falamos de interesse, do ponto de vista da Psicologia Educacional, podemos estar nos referindo às causas internas ou a causas externas, ou mesmo nos referindo ao tipo de meta que orienta o comportamento do aprendiz, mais precisamente designadas como motivação intrínseca, motivação extrínseca e motivação para a aprendizagem.

Quando a pessoa sente que suas ações são devidas às demandas externas, ela se sente manipulada, obrigada a atitudes escolhidas por outros. Guimarães (2001 p. 35) lembra que “tal situação pode levar a sentimentos de fraqueza e ineficácia, produzindo ainda desempenhos inferiores àqueles necessários ao bom relacionamento com os eventos do ambiente”. Sentir-se obrigado, guiado extremamente, uma “marionete”, certamente reduz a motivação intrínseca.

Uma pessoa não se sentirá uma marionete todo o tempo, o mais provável é que uma combinação destes sentimentos se suceda por toda a vida. Guimarães (2001, p. 41) diz que

> em parte do tempo podemos estar situados entre duas experiências. (...) entre

> outros fatores interpessoais destaca o interesse, como uma influência significativa para a aquisição de conhecimento. Esse interesse pode decorrer também de fatores externos ao sujeito, neste caso estamos falando da motivação extrínseca.

A situação de condicionantes externos, embora não sejam as melhores condições educacionais, são procedimentos majoritários. Newby (1991) citado por Guimarães (2001, p. 48) demonstrou em suas pesquisas com professores iniciantes, que 58% das estratégias motivacionais externas à atividade, eram recompensas. As recompensas geralmente são expedientes usados para resolver ou minimizar problemas de envolvimento dos alunos nas atividades. Este mesmo autor ainda acrescenta que "diversos autores consideram que as aprendizagens escolares são extrinsecamente motivadas, proporcionando alívio aos estudantes que evadem ou concluem o curso, por se sentirem livres da manipulação". Na escola os alunos se envolvem nas tarefas por motivos extrínsecos, ou seja, por acreditarem que obterão os resultados desejados, como elogios, prêmios e notas, além de evitarem problemas.

A motivação externa, ou seja, o interesse intermediado por recompensas pode vir a comprometer o empenho do aluno, reduzindo-o na ausência destes incentivos, terminando por produzir um comportamento voltado para o prêmio, e não para o aprendizado.

Em se tratando da motivação para a aprendizagem, as concepções de Brophy (1998) estão dentre as mais respeitadas e citadas por diferentes autores contemporâneos da Psicologia da Educação, o que se deve, especialmente, ao fato de apresentar uma visão bastante pragmática e integradora, baseada em pesquisas empíricas de diferentes autores, linhas e modelos teóricos sobre a motivação. Por esta razão sua perspectiva será aqui utilizada em face ao o que se tem em vista.

Nas menções de Brophy (1998) ele explica que a diferença entre a motivação para aprender e a motivação extrínseca está, essencialmente, relacionada à distinção que deve ser feita entre aprendizagem e desempenho: enquanto a aprendizagem se refere ao processamento da informação, à busca de significado, compreensão e domínio que ocorrem quando se adquirem novos conhecimentos (ou habilidades), o desempenho é a demonstração do conhecimento ou habilidade depois que já foram adquiridos. Por esta razão, Brophy (1998 p. 11) pondera que "estimular a motivação para aprender significa agir sobre ambos – aprendizagem e

desempenho”.

Quanto à diferença entre motivação intrínseca, o autor em questão considera que esta se relaciona com a distinção necessária entre envolvimento afetivo e envolvimento cognitivo do aluno nas tarefas acadêmicas: enquanto a motivação intrínseca privilegia seu envolvimento afetivo nestas atividades, a motivação para aprender deve conduzi-lo para, além disso, ou seja, ao seu envolvimento cognitivo com as tarefas de aprendizagem, por meio de esforços que o levem a tornar as novas informações significativas para poder relacioná-las com o conhecimento e habilidades anteriores. É por este motivo que Brophy (1998, p.12) é contundente ao afirmar que: “Estudantes devem ser motivados a aprender a partir de uma atividade, independentemente de acharem seu conteúdo interessante ou o processo agradável.”

Ainda a este respeito, Brophy (1998 p. 16) evidencia o realismo de suas concepções quando “compara motivação para aprender com o tipo de estados motivacionais subjacentes a outras atividades do cotidiano”. O autor é bastante claro ao defender que, embora o conceito de motivação intrínseca seja muito atraente no sentido de servir de modelo para a motivação em educação, este conceito é mais bem aplicado quando se trata de atividades nas quais as pessoas se envolvem espontaneamente, por sua livre escolha (como atividades de lazer ou diversão). Indiferente de qual tipo de motivação, se intrínseca ou extrínseca, individuo vive inserido em um meio e deste meio recebe estímulos e estes estímulos são fatores motivadores que iram gerar aprendizagem. A aprendizagem faz parte do processo natural de desenvolvimento humano, é uma constante, pois o individuo não para de aprender. Desta forma desenvolvimento, aprendizagem, mudanças de comportamento fazem parte da evolução humana e o deficiente integra esta evolução.

1.5 - Um novo olhar para a criança com NEE

Há que se romper paradigmas. Muitos ficam confusos quando encontram uma pessoa com deficiência. Isso é natural. Todos podem se sentir desconfortáveis diante do “diferente”. Esse desconforto diminui e pode até mesmo desaparecer quando existem oportunidades de convivência. Silva, Ribeiro e Mieto (2010 p.211)) diz que,

> Somos pessoas que estamos cotidianamente sujeitos às alterações em nossas trajetórias subjetivas, inclusive na forma que organizamos a própria atividade mental, nossos sentimentos e ações. Por isso, Vigotski afirma que é importante ter uma visão positiva da deficiência, pois uma criança com deficiência não é uma criança defeituosa.

Esta visão positiva pode ser a consideração real. Aceite a deficiência com naturalidade. Ela existe e precisa ser levada na sua devida consideração. Não subestimar as possibilidades, nem as dificuldades. A criança com necessidades especiais têm o direito, podem e querem tomar suas próprias decisões e assumir a responsabilidade por suas escolhas. Provavelmente, terá dificuldade para realizar algumas atividades, mas poderá ter extrema habilidade para fazer outras. O seu comportamento natural diante da deficiência dará espaço para a aproximação ideal. Procure conhecer seu aluno, sua história de vida, sua trajetória escolar, e assim traçar objetivos para seu trabalho.

Silva, Ribeiro e Mieto (2010, 211) faz uma observação interessante sobre o trabalho do educador comprometido. Dizem que "o trabalho educacional com pessoas que apresentam peculiaridades no desenvolvimento precisa considerar as diversidades culturais diferentes formas de comunicação e múltiplos modos de aprender e ensinar no contexto da sala de aula". Utilizar de novas estratégias a cada resposta não entendida, considerando as particularidades de cada um. É necessário acreditar no potencial de seu educando. Saber que suas possibilidades de aprendizagem podem desencadear novas aprendizagens. Segundo Silva, Ribeiro e Mieto (2010 p.218),

> tal processo pode se tornar realidade no momento em que o professor passa a lançar mão de estratégias de intervenção pedagógicas baseadas na valorização dos processos interativos, como forma de garantir a participação guiada de crianças com deficiência no contexto da produção coletiva de conhecimentos, dentro da sala de aula inclusiva.

2 - OBJETIVOS

2.1 - Objetivo Geral

- Estudar o processo de inclusão, em uma escola regular, no Município de Ipatinga-MG, enfatizando a aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais.

2.2 - Objetivos Específicos

- Estudar a aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais.
- Identificar ações, estratégias, atividades, metodologias e avaliação utilizadas pelos professores para ensinar seus alunos com deficiência intelectual
- Identificar as dificuldades encontradas pelos professores para ensinar alunos com dislexia;

3 - METODOLOGIA

3.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

Para a realização do presente trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa. Esta abordagem "Não exige definições de hipótese formais. As hipóteses são momentos do pensamento do investigador comprometidos com o curso da investigação, as quais estão em constante desenvolvimento". (Maciel e Raposo, 2010 p. 82).

A metodologia aplicada nesta pesquisa tem como parâmetros as idéias básicas citadas por Maciel e Raposo (2010, p.74) sobre o enfoque construtivista que defende o sujeito humano como um ser ativo, que dispõe de uma competência cognitiva que lhe permite ser construtor do seu próprio conhecimento e a noção da importância do contexto para aprendizagem.

Desta forma a pesquisadora buscou na pesquisa qualitativa descritiva um processo permanente de produção de conhecimento, onde as novas interrogações se abrem em novos caminhos caracterizando o processo cíclico na produção de conhecimento sobre como atuar na escola na concretização da aprendizagem. Sendo assim o professor se torna reflexivo, que pensa na ação, questiona, se interroga e avalia os resultados e os integra com novas interrogações abrindo novos caminhos a produção de conhecimento.

3.2 Contexto da Pesquisa

A escola escolhida para a realização da pesquisa foi a Escola Municipal JK, situada no Bairro Bom Jardim, que atende alunos do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Atende alunos do próprio bairro e alunos dos bairros adjacentes. Possui uma clientela com idade de 7 a 12 anos, e segundo o Projeto Político Pedagógico 89% destes alunos vivem com as famílias.
A escola JK, possui 12 turmas no turno Matutino, de 7:00 às 11:15, 12 turmas no turno Vespertino de 13:00 às 17:15 e no noturno de 18:30 às 22:15. As crianças são acolhidas as 7:00 horas sendo oferecido um lanche. E durante o horário de aula há um intervalo que também é oferecido um lanche. A noite é oferecido uma refeição por volta das 20:00h.

É uma escola de grande porte, pois o bairro é muito grande. Tem 12 salas de aula, uma

quadra, um auditório e 1 sala de reuniões, uma biblioteca, uma sala de coordenação, uma sala para os professores, secretaria, banheiros para os alunos, banheiros para os professores, cantina e refeitório além de um pátio. Algumas salas são estratégicas, próximas a cantina, com rampas e corrimão nas paredes. A escola é construída em um terreno íngreme, e em uma parte é de difícil acesso para cadeirantes, mas possui rampas.

Composta por 72 funcionários entre professores, secretários, coordenadores, cantineiras, serviçais e vigias. Todos os professores possuem graduação em curso superior e 70% são efetivos e já trabalham há muito tempo na escola. Possui ao todo 672 alunos

Os alunos atendidos pela escola são oriundos de bairros adjacentes e do próprio bairro, suas famílias possuem nível econômico baixo sendo que uma boa parte tem renda de um salário, ou recebem benefícios do governo. Possuem em média três filhos e cerca de 49% possuem casa própria.

3.3 Participantes

Para a realização da pesquisa foram escolhidos 04 (quatro) professores que serão denominados P1, P2, P3, P4. Estes profissionais foram escolhidos de acordo com o perfil das turmas, sendo que a prioridade para a escolha foi de trabalhar com turmas que tivessem o maior número de crianças com NEE. E o quadro de turmas era: P1 composta por 20 alunos sendo 1 com síndrome de down, (tem um laudo) 2 aluno com deficiência intelectual, 1 aluno com Transtorno Déficit de Atenção, e o restante não apresenta dificuldades. A turma da Professora P2 tem 25 alunos e tem 3 alunos com suspeita de dislexia, porém não tem laudo, o restante da turma apresentam dificuldades de aprendizagem de leitura. A turma da professora P3, tem 30 alunos e 2 alunos com síndrome de down em fase adiantada de aprendizagem, a turma da professora P4 tem 30 alunos sendo todos com pequenas dificuldades de leitura e escrita. Quanto ao questionário respondido pelos pais foram perguntas abertas. Uma das famílias são pais do aluno A1 da professora P1, a segunda família que respondeu ao questionário foi feito aos pais de A2 da professora P3. As famílias serão denominadas pelas letras F1, F2.

3.4 Materiais

Os recursos materiais utilizados foram: Dinâmicas de grupos, textos diversificados, cartazes, tirinhas, vídeos, gravador, filmes, data show, músicas, materiais de consumo, produções de histórias, jogos didáticos e softwares educativos.

3.5 Instrumentos de Construção de Dados

Foram utilizados como instrumentos de investigação neste trabalho: um questionário (Apêndice A), respondido pelas 4 Professoras, e um questionário respondido por pais de dois alunos. (Apêndice B). O instrumento possui perguntas abertas que favorecem a expressão dos sujeitos.

Também foram feitas observações em duas aulas da Professora P1.

3.6 Procedimentos de Construção de Dados

Para a realização deste trabalho os contatos com direção e corpo docente já aconteciam há algum tempo, pois trabalho na escola além disto já os conhecia devido as participações em cursos e capacitação na rede de ensino em Ipatinga. Mas em 2010 tive o privilégio de estar a frente de um desafio na Escola JK, pois fui convidada a assumir uma turma de 3º ano 100% homogenia. Realmente era um desafio, pois as crianças apresentavam uma defasagem muito grande de aprendizagem, com um histórico de repetência e muita indisciplina. Procurei a principio conhecer a família dos educandos. Visitei cada uma, resgatando alguns alunos que eram muito infreqüentes. Meu trabalho era diferenciado, pois devido a defasagem tive que começar com alguns alunos todo o processo inicial de alfabetização.

Quando ao final de junho tive a idéia de desenvolver o projeto de pesquisa de minha atual monografia, procurei a direção para autorização de uso do nome da escola e até mesmo alguns pais para o caso de querer fotografar e usar o nome dos alunos. Foi prontamente aceita a pesquisa, sem dizer o apoio que recebe de todos. Os questionários foram distribuídos e respondidos, ficando o questionário dos pais para posterior encontro. Depois de alguns dias

foi feito a reunião de pais que fecharia a etapa escolar. Foi o momento de conversar com os pais das turmas que participavam da pesquisa. Também se prontificaram em responder o questionário, mas tive que escolher somente duas famílias, que responderam o questionário de imediato.

3.7 Procedimentos de analise de dados

Os dados obtidos através dos questionários aplicados foram analisados de forma discursiva, procurando respaldo nos autores que embasam a Fundamentação Teórica. Primeiramente foram respondidos os questionários e a seguir analisados os resultados dos questionários aplicados as Professoras P1, P2,P3,P4. Em seguida, foram feitas as analises das duas observações feitas em sala.

Teve-se um cuidado especial para resguardar a integridade dos pesquisados, além de por questões de ética os nomes não foram revelados.

Portanto, essa pesquisa visa à construção do conhecimento baseada nas idéias metodológicas do enfoque sociocultural construtivista tendo em vista que a pesquisadora mediada pela respostas dos pesquisados se torna co-participante dos resultados.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão considerados os resultados dos questionários aplicados na escola pesquisada. Responderam a este instrumento 04 professores (P1, P2, P3, P4) que atuam diretamente com os alunos em estudo, além do questionário feito a 2 casais pais de alunos (F1, F2).

4.1 Analise do questionário dos professores

Na pergunta 1, qual o perfil de seus alunos; o professora P1 disse que "a turma é heterogênea com pequenas dificuldades de aprendizagem".

A professora P2 foi clara, em dizer que "a turma é constituída por 30 alunos, e é uma turma heterogênea".

P3 disse que sua "turma é constituída de 25 alunos sendo que são alunos agitados, alguns exageradamente agitados, mas outros com agitação comum a qualquer criança. Alguns tem muita dificuldades para aprender, porém são dificuldades que o tempo irá cuidar de ensinar".

P4 disse que sua "turma é constituída de 20 alunos sendo que 4 são especiais. É muito complicado trabalhar com 4 alunos especiais, sem uma ajuda".

A escola é um local diverso. É nela que se encontra toda espécie de ser humano. Há uma diversidade grande de gente. Blanco (2004 p. 290) diz que o

> conceito de diversidade remete-nos ao fato de que todos os alunos têm necessidades educativas individuais próprias e específicas para ter acesso às experiências de aprendizagem necessária à sua socialização cuja satisfação requer uma atenção psicológica individualizada.

Na pergunta de número 2, para você o que significa o termo usado NEE, todos foram unânimes em dizer o significado "Necessidades Educacionais Especiais". P1 ainda acrescentou que é quando "um aluno tem Necessidades educativas especiais quando a sua deficiência não lhe permite atingir da mesma forma que os outros, aquilo que lhes é ensinado

normalmente na escola”.

Na pergunta de número 3 se tem aluno com NEE em sua sala de aula, as professoras disseram quais as necessidades específicas de seus alunos.

P1 disse que “se considerarem que TDAH é ter Necessidades Especiais eu tenho um total de 4 crianças especiais”. P2 disse que “não tem alunos com necessidades, mas seus alunos tem dificuldades para aprender a ler e escrever, mas não tem laudo”. P3 disse que “tem dois alunos com síndrome de down”. P4 disse que” não tem alunos com grandes dificuldades, são dificuldades comuns as crianças”.

Blanco (2004 p. 290) diz muito claro que “Nem toda necessidade individual, porém, é especial”, como é o caso citado pela professora P2. Seus alunos apresentam dificuldades para aprender, porém não apresentam necessidades especiais. Mas são crianças que apresentam dificuldades para aprender e neste sentido Silva, Ribeiro e Mieto (2010, p. 210) diz que “acredita-se na impossibilidade de a criança deficiente intelectual possuir um pensamento desvinculado das experiências concretas e de alcançar níveis mais elevados de pensamento abstrato”.

Na pergunta de numero 4, como superar as barreiras que ainda existem na escola para receber os alunos com NEE, as professoras responderam que: professora P1 disse que “há resistência por parte de professores e até de alguns país por não aceitarem a dificuldade do filho. Temos que ajudar na construção de uma cultura em que o respeito mutuo, a cooperação possam se fazer presentes, certos de que temos que quebrar estereótipos para que a inclusão ocorra de fato e de direito”.

O professor P2 disse que “muitas vezes a escola matricula, mas não oferece o devido apoio para o atendimento a estas crianças. Tento fazer o possível, mas a turma é grande, não posso atendê-los individualmente sempre, da forma como necessitam”.

P3 disse que “é aceitando de uma vez por todas que os alunos com necessidades tem o direito de estar aqui e que daqui para frente não vai ser diferente. Eles tem o direito de aprender, conviver com o todo, não é porque são diferentes que serão deixados de lado. Afinal merecem

viver no meio de nós".

P4 disse que "é muito importante aceitar as diferenças, somos iguais no espírito mas diferentes no corpo. Aceitar que "somos todos" diferentes. Não existe um ser humano igual ao outro. Porque colocar somente os especiais como diferentes? Estamos no século XXI, em uma era diferente, e esta mais que na hora de ver, olhar as coisas por outro ângulo".

Marchesi (2004 p. 31) diz que,

> há um avanço nas últimas décadas das escolas inclusivas, um tipo de escola capaz de tornar efetivo o direito de todos os alunos a uma educação integradora. A prática desse tipo de educação, contudo supõe mudanças profundas nas escolas e nas salas de aula. Supõe também ter consciência dos problemas que existem, avaliar os resultados que se obtém, analisar a transição dos alunos com necessidades educativas especiais da escola para a vida adulta e questionar esse alunos sobre suas experiências e sua vida.

Na questão 5, foi perguntado qual seria o número adequado de alunos numa classe em que se dá o processo de inclusão, os professores responderam que no máximo "20 alunos". Todos citaram esta quantidade de aluno ideal.

A questão 6 se referia a participação da família no processo de aprendizagem das crianças, se os pais tem procurado se informar um pouco mais a respeito das dificuldades de seus filhos na escola.

A professora P1 disse que "realmente o que acontece é que alguns pais delegam à escola a função de educá-lo, sem ao menos perceber as particularidades de cada ser".

P2 disse que "infelizmente vivemos em uma época em que a maioria dos pais principalmente das regiões carentes como é a nossa, vêem a escola como assistencialista. Acreditam que basta enviar os filhos a escola. Uma minoria incentiva os filhos ao estudo. Os pais das crianças com NEE de minha turma as vezes viajam ,um deles já ficou até dois meses fora. A criança perde a sequência dos conteúdos. Fica sem estímulo e perde o interesse".

P3 disse que "os pais esquecem que, quem colocou no mundo foram eles, e não o professor. Quando cobramos demais ou quando tocamos no aspecto moral e ético que são particularidades próprias de cada um eles reclamam e dizem que "o filho é meu e ninguém tem o direito de chamar a atenção assim, ou assado. Quando são cobrados nas

responsabilidades eles tiram o corpo fora e dizem que a culpa é dos professores".

P4 disse que "os pais colhem o fruto daquilo que plantam. Tratam seus filhos tão mal que o retorno não é nada mais do que aquilo que muitos colhem hoje, filhos irresponsáveis, alunos irresponsáveis; filhos malcriados, alunos malcriados; filhos que não respeitam, alunos que não respeitam, e assim por diante. O aluno especial é carinhoso por natureza, mas é mimado e em alguns casos não tem limite".

Segundo Paniagua (2004 p. 330)

> Desde o momento que um pai fica sabendo da existência de uma deficiência, a preocupação com o presente e o futuro da criança aumenta enormemente. Essa preocupação de fundo acompanha a família por toda a vida, com maior ou menor intensidade dependendo dos casos, do momento evolutivo da criança, dos recursos pessoais e das condições de vida.

A questão 7 foi perguntada como se dá o processo de inclusão. A professora P1 respondeu que "o aluno vai estar na escola, vai participar e vai aprender e desenvolver de acordo com suas potencialidades". P2 disse que "este se dará quando puder atender as individualidades de cada aluno. Necessita haver também um maior comprometimento das famílias". P3 disse que "a partir do momento que houver conscientização de todos que é necessário respeitarem o tempo de aprendizagem, alem de respeitar o que cada um aprende, pois o conteúdo acadêmico não é o mais importante na vida destas crianças. É necessário respeitar suas potencialidades. Assim estará acontecendo inclusão". P4 disse que "é necessário o envolvimento da família, o querer do aluno, o respeito as individualidades e o tempo destas crianças, porque a mente não trabalha como uma mente de uma criança sem deficiência. Então é necessário respeitar o tempo para a aprendizagem deles".

Romero (2004, p. 53) em seus estudos levanta outros questionamentos sobre os atrasos maturativos "a questão principal é o que se entende por maturação quando se afirma que alguém não esta maduro para realizar com êxito uma aprendizagem, e se o atraso na maturação necessária é a causa da aparição de dificuldades na aprendizagem".

Na questão 8, incluir não é somente estar no mesmo espaço físico. Como fica a aprendizagem dos alunos com NEE? Quais suas potencialidades? P1 respondeu que "para tornar a escola mais eficiente no seu ensino-aprendizagem é preciso ter clareza do que se quer.

Valorizar o aluno, não deixá-lo a margem, como se fosse apenas um corpo presente. Estabelecer metas para os alunos com NEE e estes deverão ser cobrados de acordo com seu ritmo de desenvolvimento".

P2 disse que "acredito que deveria ter professores de apoio nas classes onde há crianças com NEE, assim eles teriam maior condição de aprender e acompanhar a turma de acordo com seu rítmo, sendo valorizado em seu potencial".

P3 disse que "concorda com P2 pois, além disto, o aluno com NEE em uma sala sem apoio estressa ainda mais o professor e isto atrapalha a ambos pois um não aprende assim como o outro não ensina direito. Se ambas as partes tiverem e mantiverem um equilíbrio até mesmo no respeito ao tempo e a qualidade do que se deseja as coisas surtem um efeito melhor".

P4 comentou que "é necessário saber o que se quer, pois as escolas dizem que são inclusivas, mas não oferecem o que realmente é necessário para que ocorra a inclusão. Há algum tempo era a questão física que era muito cobrado, agora é a questão capacitação e ajuda em sala. O que será daqui há algum tempo. Decidir o que se quer e colocar em prática o que foi decidido e daí cobrar as potencialidades das crianças. Porque capacidades todos tem".

Blanco (2004, p. 291-292) explica com clareza o que é necessário

> para melhorar a qualidade do ensino e assegurar a igualdade de oportunidades é preciso que cada escola reflita a respeito e planeje de forma conjunta a ação educacional mais adequada aos eu contexto. Isso implica que as decisões, tanto curriculares como de definição e de funcionamento da escola, devem ser tomadas por aqueles que vão implementá-los em função da sua realidade, adequando às suas características concretas as propostas que os gestores estabelecem. Para este autor a resposta a diversidade, como todo processo de inovação educacional, afeta a globalização da escola e implica questionar a prática educativa tradicional e introduzir mudanças substanciais nela.

Para a questão 9 foi perguntado sobre as dificuldades do dia a dia do professor. P1 comentou que "a falta de capacitação dos professores e estruturas muitas vezes precárias". P2 comentou que "existe uma distancia entre a teoria e a prática que é muito grande. Pouca ajuda da escola quanto ao atendimento dessas crianças".

P3 disse que "muitas vezes me sinto sozinha nesta empreitada, pois o apoio é muito escasso

as vezes. Tanto financeiro quanto em relação ao tempo e o pedagógico. O dia a dia é muito cansativo, stressante".

P4 comentou que "é necessário muita energia para aquentar duas jornadas de trabalho e ainda cuidar da própria família. O dia a dia é extremamente cansativo, além de estar muito distante da realidade. A pratica é muito diferente da teoria, devido as particularidades de cada um. A teoria generaliza e a prática é particular, exclusiva".

Neste sentido Blanco (2004 p. 294) diz que "o professor deve conhecer bem as possibilidades de aprendizagem dos alunos, os fatores que que favorecem e as necessidades mais especificas deles". A partir deste conhecimento é possível traçar objetivos e metas a curto e longo prazo.

Na questão 10 foi perguntado se a escola está preparada para incluir? O que falta?

P1 disse que "elas não estão preparadas, mas se for para esperar, esta inclusão demorará ainda mais para acontecer. Acabar de vez com o preconceito, aceitar o diferente, a escola assumir o papel de acolhedora da diversidade; isto seria um bom começo. Mas não acontecendo não quer dizer que não se pode começar".

P2 disse que "a escola não está preparada, falta estrutura física, falta capacitação específica para os professores".

P3 disse que "a escola não esta preparada. Ainda há muito o que avançar".

Já P4 disse que "tirando o espaço físico que nem todas as escolas estão prontas mas estamos caminhando e o mais importante é que estamos no meio do caminho".

Neste sentido Blanco (2004 p. 304) vai além ao dizer que

> a situação requer um trabalho em colaborativo entre todos os envolvidos no processo educacional: professores, pais, alunos, profissionais de apoio e recursos da comunidade. Na maioria dos países, não concebe a integração dos alunos com necessidades educativas especiais à escola comum sem uma série de apoios especializados que possam, em conjunto com o professor da turma, atender às necessidades de todos os alunos.

Na questão 11, você estabelece ou estabeleceu no inicio uma rotina para o seu trabalho? Segue algum planejamento?

P1 disse que “Sim. Sigo o currículo da escola, fazendo algumas adequações no currículo funcional para as crianças com NEE”.

P2 disse que “procura trabalhar de acordo com as metas estabelecidas, procurando atender meu aluno especial com as mesmas atividades com estratégias diferentes. Faço o que posso, mas as vezes me sinto frustrada”.

P3 disse que “não. Segue muito mais seu instinto que algum planejamento. Planejo minhas aulas, porém tem muitas situações que sigo meu intinto”.

P4 respondeu que “segue o planejamento da escola’.

Blanco (2004 p. 305) diz que “toda programação devem estar abertas a modificações constantes em função dos dados proporcionados pela prática”.

É necessário um planejamento pois as atividades soltas sem um objetivo não são o ideal para a aprendizagem, mesmo porque para os próximos passos é necessário saber o que avançou em etapas anteriores.

A questão 12 pede para descrever sua prática com relação a **seus alunos:**

Para a professora P1 Seus **alunos** – “São amáveis e desejam aprender...eles me inspiram e me ensinam muitas coisas legais”. P2 disse que “são crianças boas mas realmente necessitam de uma ajuda”. P3 disse “são crianças que estão gritando por socorro!” P4 disse que “necessitam de ajuda , pois tem condições de aprender e tem muito caminho pela frente”.

As **adaptações curriculares** – P1 disse que “o currículo deve ser flexível para atender as especificidades de cada aluno”. P2 disse que “procuro dentro do possível e do mesmo contexto educativo trabalhar com meu aluno NEE, de forma que o ensino possa ser significativo para eles”. P3 disse que “utilizo a todo momento, por isto acho de extrema utilidade”. P4 disse que “devem ser flexíveis e são muito importantes pois se é necessário olhar as particularidades de cada um é necessário também uma flexibilidade maior para desenvolver um bom trabalho”.

As **estratégias metodológicas**- P1 disse que “jogos, desafios, trabalhos em grupos. O que se pode usar é importante”. P2 disse que “textos diversos, trabalhos em grupos, atividades com

material concreto e outros são muito importantes para a aprendizagem de crianças com necessidades especiais". P3 disse que "tudo aquilo que estimula e chama a atenção deles para a aprendizagem é importante, mas há de se tomar muito cuidado porque o contexto deve estar presente". P4 respondeu que "sem estratégias metodológicas não é possível trabalhar hoje em dia devido a diversidade encontrada em uma sala de aula".

Quanto aos **recursos materiais**, P1 disse que "as escolas estão aos poucos se equipando, mas ainda vai demorar um pouco para atender de forma eficaz no que se refere a recursos materiais e estrutura". P2 disse que "temos alguns recursos, mas são poucos, e não atendem de forma satisfatória". P3 comentou que "é necessário parcerias para se conseguir materiais adequados, pois o mercado oferece muito mais, o que é muitas vezes utilizado, são sucatas".

A **avaliação** –P1 disse que "deve ser contínua, valorizando cada avanço mesmo que seja lentamente". P2 comentou que "estas devem ser diagnósticas e avaliação no dia a dia". P3 disse que "avaliação é muito importante pois para saber se esta dando certo é necessário avaliar, e no caso de educação especial a avaliação deve ser continua, diagnóstica e dia a dia. P4 comentou que deve ser avaliativa e todo dia".

Em todas as praticas é necessário um mínimo de organização para execução, e com o professor não é diferente. Todos estes processos são necessários em um programa de aprendizagem, e cada um exerce uma certa influencia na aprendizagem. Cada um em seu contexto em sua especificidade, faz com que haja aprendizagem. A avaliação é de extrema importância, porque nela, de acordo com Giné (2004 p. 275) se "fundamentam as decisões voltadas à prevenção e, se for o caso, a solução das possíveis dificuldades dos alunos e, em última análise, a promoção das melhores condições para o seu desenvolvimento".

Para a questão 13 foi perguntado sobre as suas expectativas sobre as ações em defesa da educação inclusiva. P1 comentou que "é necessário um maior comprometimento de toda a sociedade, com atitudes que contribuam para evidenciar uma mudança de postura. Pesquisas e discussões que levem as pessoas ao reconhecimento e na afirmação dos direitos das crianças com NEE". P2 disse que "estamos engatinhando, espero um dia visualizar uma educação que seja realmente para todos, efetivando a educação inclusiva de forma benéfica a todos os envolvidos. Tenho procurado estudar sobre o assunto para poder ajudar meus alunos". P3

acredita que “há muito que avançar, mas estamos no caminho certo, e com a união de todos é possível que aconteça a verdadeira inclusão”. P4 comentou que “é necessário arregaçar as mangas para que ela realmente aconteça”.

Marchesi faz uma abordagem interessante quando se refere a inclusão. Ele diz que as

> Avaliações realizadas revelam qia a integração dos alunos com necessidades educativas especiais não está isenta de problemas e que é imprescindível propor mudanças profundas para conseguir escolas abertas para todos. Como por exemplo currículo comum ou currículo diferente. Além disto, porém, é preciso analisar algumas questões problemáticas que se apresentam ao se tomar decisões concretas sobre o atendimento oferecido aos alunos.

O fato é que a escola inclusiva já é realidade em nosso meio, e assim como toda mudança requer quebra de paradigmas e disposição para fazer diferente.

4.2 Analise do questionário feito aos pais

I – Nascimento e diagnóstico da deficiência

Questão 1 - Como foi para vocês, para os irmãos e para demais familiares o nascimento de uma criança com necessidades educacionais especiais?

F1 - A princípio houve o choque, um filho com síndrome de down, sentimos uma profunda angustia, passando pelo momento de adaptação, onde pudemos vislumbrar possibilidades futuras.

F2 – Para toda a família foi um choque muito grande, nunca passou pela minha cabeça tal possibilidade.

Questão 2 - Como foi a sua gravidez?

F1 - Foi uma gravidez diferente, eu tinha formigamento, diabetes. E ele não mexia muito, eu achava estranho, porque nas minhas outras gravidezes os nenens mexiam tanto.

F2 foi uma gravidez normal. Eu sentia muito sono.

Questão 3 - Por ocasião do nascimento, vocês procuraram ou receberam algum tipo de ajuda profissional?

F1 - Não, na verdade nos isolamos durante algum tempo, parecia que fugíamos das pessoas, de perguntas que nos constrangiam.

F2 – Não. A principio achamos diferente, mas não procuramos ajuda.

Questão 4 - Atualmente como vocês e os irmãos se relacionam com a criança?

F1 - O relacionamento é ótimo, sendo que aprendemos muito mais com a criança do que lhe ensinamos. Ele sabe que é muito querido, é uma criança profundamente feliz.

F2 – O relacionamento é bom, eu perco a paciência as vezes, mas eu ajo com o coração.

II - Dinâmica familiar

Questão 1 - Quem é ou quem são os responsáveis pelos cuidados com a criança?

F1 A criança recebe os cuidados de uma babá, já que a mãe trabalha fora.

F2 – Eu mesma a mãe sou responsável pelo meu filho.

Questão 2 - Relate um fato marcante da infância do seu filho?

F1 - Quando aprendeu os seus primeiros passos, ficou tão feliz que se pós a bater palmas continuamente...

F2 – Quando estava aprendendo a engatinhar, entrou dentro da minha cristaleira vazia.

Questão 3 - Quais mudanças e/ou adaptações foram efetivadas na vida familiar após o nascimento ?

F1 - Mudamos muito nossa rotina, Deus nos deu uma grande oportunidade. E esta certeza foi se efetivando a cada dia que passava. Os obstáculos são enormes, mas quando a vontade é grande as coisas acontecem para valer.

F2 – Muitas mudanças e todas as adaptações porque passei a vigiá-lo 24 horas por dia, passei muitos dias sem dormir. Depois fui me acostumando com tudo e as coisas foram se ajeitando.

Questão 4 - O que ele realiza de forma autônoma?

F1 - Se alimenta sozinho, cuida de sua higiene.

F2 – Se alimenta sozinho, vai ao banheiro sozinho.

Questão 5 - Como vocês imaginam o futuro do seu filho?

F1 Sabe, eu tenho boas expectativas...as melhores...na verdade o que eu mais quero é que ele seja um bom filho...e isso ele já é...

F2 Não gosto de pensar muito nisto. Procuro viver o melhor possível o presente.

III - Atitudes e percepções frente à escolarização e socialização

Questão 1 - Como é a educação do seu filho?

F1 - Ele tem 8 anos, idade mental de 5 anos. Está no início do processo de alfabetização. Reconhece algumas letras. Tem dificuldade para se concentrar, a fala é muito comprometida. O mesmo faz acompanhamento com fonoaudióloga.

F2 – Ele tem 8 anos, esta iniciando alfabetização agora, freqüenta escola publica e brinca muito.

Questão 2 - Quais são os benefícios da inclusão para alunos com NEE?

F1- Os benefícios são visíveis na comunicação e sociabilidade, há também um senso de aceitação e auto-valorização por parte das crianças e de toda família.

F2 – Os benefícios são muitos. Depois que ele foi para escola tudo começa a acontecer na vida dele, pois o espaço é maior, e ele esta realmente aprendendo.

Questão 3 - Você aprova a proposta da inclusão?

F1- Sim. A educação passa por este importante momento, garantindo a todos sem exceção o direito de aprender.

F2 – Sim. Só tenho a aprovar.

Questão 4 - O que a família faz nos momentos de lazer?

F1 - Passeamos e gostamos muito de estar em família.

F2 – Quase não temos lazer, mas quando acontece de estar todos juntos nos divertimos muito. No mais é ele e eu junto quase o dia todo.

Questão 5 - Fale algo sobre os direitos da pessoa com necessidades especiais.

F1-Gosto de enfatizar que os direitos das crianças com NEE são os mesmos das crianças ditas "normais". Sendo que as crianças com NEE necessitam de cuidados especiais e de um olhar diferenciado devendo ser respeitado e valorizado de acordo com seu rítmo.

F2 – Não conheço muita coisa de lei, mas sei que meu filho tem o direito de estar estudando.

Questão 6 - Quais são os Benefícios da Inclusão para os Alunos sem "Necessidades Especiais"

F1- Mais aceitação em relação a diferenças individuais, as crianças se tornam mais conscientes a respeito das necessidades dos outros. Terão uma oportunidade de desenvolver uma postura crítica contra preconceitos à pessoas com deficiência.

F2 – Sei que muitos serão tratados diferentes, com mais carinho, mais atenção, e com isto ganha todo mundo.

Sobre relacionamento familiar Paniagua (2004,p. 335) afirma que,

> a interação familiar é constante e variável, a mais estudada é a que se estabelece entre a mãe e o filho. As pesquisas centraram-se fundamentalmente na forma como as mães estimulam, de forma espontânea, o desenvolvimento do jogo e da linguagem. Os estudos coincidem em destacar um estilo mais diretivo nessas interações quando a criança apresenta uma deficiência que vão desde uma sensibilidade maior aos interesses da criança e a favorecer a comunicação espontânea a estilos mais centrados na execução de tarefas.

Quando ocorre este relacionamento a criança chega até a escola com algum preparo, com comportamentos já estruturados ficando mais acessível o trabalho do professor.

Observação 1

Tema: Memorex

Objetivo: Desenvolver a percepção visual

Conhecer novas palavras iniciadas com letra A

Desenvolvimento:

1 - Colocar sobre a mesa três objetos e pedir à criança que observe bem o que há sobre a mesa. Depois, pedir que feche os olhos. Retirar um objeto e dizer: _ Abra os olhos. Olhe a mesa. Que objeto está faltando?

Pouco a pouco, aumentar a quantidade de objetos até seis. Pode-se variar, trocando o lugar de um e depois de dois objetos, sem a criança ver e continuar perguntando: - O que está diferente?

Comentários: Os objetos colocados foram objetos do dia a dia dos alunos junto com alguns que não era do conhecimento deles, como: lápis, apontador, anel, avião, anzol. As crianças acharam muito interessante o anzol, pois alguns nunca havia visto o anzol de pescar o peixe. Cercados de cuidados a professora P1 explicou como se usa e o perigo em ficar na mão de crianças. Todos prestaram muita atenção, e não queriam que o anzol desaparecesse da mesa. Como atividade extra foi pedido que recortassem palavras com a letra "**a**" e palavras que

tinham a letra “**a”** no meio, circulando a letra.

Observação 2

Tema: Memorex

Objetivo: Desenvolver a percepção visual

Conhecer novas palavras iniciadas com letra A

Desenvolvimento:

1 - Mostrar cartões que contenham na frente, desenhos ou colagens de 4 ou 5 figuras e no verso, as mesmas figuras, faltando uma ou duas. Mostrar a frente do cartaz, pedindo à criança que observe bem. Virar o cartaz para dizer que figuras faltam.

Apresentar o mesmo cartaz. Pedir para a criança observar bem. Colocar o cartaz sobre a mesa e pedir à criança que diga que figuras estavam no cartaz.

Mostrar novamente o cartaz para verificação. Mostrar 3 ou 4 figuras, uma de cada vez. Pedir à criança que diga que figuras viu, primeiro sem exigir seqüência, depois em seqüência.

Comentários: Esta atividade achei interessante, mas ficou um pouco difícil para as crianças virarem o cartaz. Foi sugerido que fizesse fichas com as figuras para melhor manuseio. Foi interessante que mesmo com todas as dificuldades conseguiam saber qual a figura faltava e todos queriam falar ao mesmo tempo. Pediram que a professora levasse outras figuras. Além disto, a professora levou para a sala alguns objetos que estavam no cartaz. A aula ficou mais interessante. Achei interessante também o papel do professor neste processo que a todo momento dava atenção aqueles que tinham maior dificuldades. O professor tem o papel explicito de interferir no processo diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente sócio-cultural. Portanto, o professor tem um papel de destaque como provocador de avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal. Era o que realmente acontecia, a todo o momento sentia a provocação no processo de aprendizagem das crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações coletadas durante as observações, questionários foi possível perceber avanços significativos na maneira de olhar e atender dentro de um processo de inclusão às crianças com necessidades especiais. O ambiente educacional de inclusão favoreceu novas relações com os colegas. Ser reconhecido pelos pares favoreceu às crianças sentir-se melhor no grupo e demonstrar maior envolvimento com os colegas.

A prática pedagógica adaptada as diferenças individuais vêem sendo promovidas dentro das escolas e nesta escola não é diferente. Foi possível identificar as ações dos professores, as estratégias utilizadas em sala, a metodologia e as atividades propostas pelos professores e através destas identificações é que concluo que para motivar a criança o professor deve valorizar as reações afetivas de seus alunos e estar atento ao seu comportamento global, para solicitar ajuda especializada quando julgar necessário. Outro fato de grande importância é o fato de que o professor deve considerar o aluno como uma pessoa inteligente, que têm vontades e afetividades e estas devem ser respeitadas, pois o aluno não é apenas um ser que aprende.

Ao estudar a aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais, pude perceber que a educação inclusiva atualmente é prevista por lei e é um direito adquirido ao longo da conquista dos direitos humanos. A garantia de acesso a educação e permanência na escola requer a prática de uma política de respeito às diferenças individuais. Sei que o principal objetivo da educação é o de levar o aluno com certo nível inicial a atingir um determinado nível final. Se conseguir fazer com que o aluno especial passe de um nível para outro, então terá registrado um processo de aprendizagem. E com a continuidade de aulas como as observadas é possível alcançar esta aprendizagem. Cabe aos educadores proporcionar situações de interação tais, que despertem no educando motivação para interação com o objeto do conhecimento, com seus colegas e com seus próprios professores. A

educação inclusiva visa promover o desenvolvimento das crianças especiais inseridas nas classes regulares, respeitando as diferenças individuais, de modo a lhes assegurar o pleno exercício de seus direitos de cidadãos e efetiva integração social.

As dificuldades encontradas pelos professores para ensinar alunos com dislexia, com síndrome de down e deficiência intelectual como as turmas estudadas além de outras dificuldades, são inúmeras, como a falta de um monitor que lhe assegure o bom andamento, o bom desenvolvimento das aulas. Mas o que se vê é um trabalho de amor ao próximo que se destaca pelo empenho e dedicação dos professores. Eles devem ser os mediadores de todo o processo educativo. Todos os personagens do contexto escolar se envolverão na mobilização para que ocorra o processo de mudança (diretores, professores, profissionais da educação e alunos). Identificar as dificuldades encontradas pelos professores para ensinar alunos com dislexia;

Estou concluindo esta monografia com a certeza de que frutos virão e bons frutos serão. Esta monografia foi realmente um acontecimento em minha vida já que pude colocar em prática todos os estudos e experiências com as pessoas envolvidas durante o processo de construção.

O saldo foi e está sendo positivo. A escola deve sempre proporcionar ao educando especial a promoção de suas capacidades, envolvendo o desenvolvimento de sua personalidade, a participação ativa na vida social e estes são objetivos principais da educação inclusiva, assim como o desenvolvimento bio-psiquico-social, proporcionando aprendizagem que conduza as crianças com NEE maior autonomia.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Rosa. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: (org) COLL, Cesar; [et al.] Desenvolvimento Psicológico e Educação Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.P.290-308

BROPHY, J.E. Motivating students to learn. New York: McGraw-Hill, 1998.

CHALLITA, Gabriel. A didática tem que ser envolvente. VEJA Edição Especial, São Paulo: Abril, Set. 2001.

FONSECA, Vitor da. Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GINÉ, Climent. A avaliação psicopedagogica. In: (org) COLL, Cesar; [et al.]. Desenvolvimento Psicológico e Educação Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 275-289

GOMES, Adriana L. Limaverde. Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Mental. Brasília: 2007.

GUIMARÃES, Sueli E.R BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. A motivação do aluno: Construções da psicologia contemporânea. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

KELMAN, Celeste Azulay. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, Diva Albuquerque [et al.]. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010. P. 73-102.

MACIEL, Diva Albuquerque. RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: KELMAN, Celeste Azulay [et al.]. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010. P. 73-102.

MARCHESI, Alvaro. A prática das escolas inclusivas**.** In: (org) COLL, Cesar; [et al.]. Desenvolvimento Psicológico e Educação Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 15-30

MARTÍN, Elena. Ensinar a pensar por meio do currículo. In: (org) COLL, Cesar; [et al.]. Desenvolvimento Psicológico e Educação Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 15-30

MONTEIRO, Mariângela Silva. Vygotsky, Um século depois. São Paulo:

Artes Médicas, 1989.

PANIAGUA, Gema. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In: (org) COLL, Cesar; [et al.]. Desenvolvimento Psicológico e Educação Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 330-346

ROMERO, Juan F. Atrasos maturativos e dificuldades na aprendizagem. In: (org) COLL, Cesar; [et al.]. Desenvolvimento Psicológico e Educação Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 53-70

SILVA, Daniela Nunes Henrique; RIBEIRO, Julia Cristina Coelho; MIETO, Gabriela. **O** aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural. In: KELMAN, Celeste Azulay [et al.]. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010. P. 205-220

APÊNDICES

A - Questionário para Professor (Modelo)

Prezado (a) Professor (a)

Estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de auxiliar a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, cujo tema é "A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS ESPECIAIS" e gostaria de contar com sua colaboração preenchendo esse questionário.

Por favor, procure responder com bastante sinceridade ao questionário e não se preocupe, pois suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada.

1 - Qual o perfil de seus alunos?

_____

_____

_____

2 – Para você o que significa o termo usado NEE.

_____

_____

_____

3 – Tem aluno com NEE em sua sala de aula?

_____

_____

4 - Como superar as barreiras que ainda existem na escola para receber os alunos com NEE?

_____

_____

5 - Qual seria o número adequado de alunos numa classe em que se dá o processo de inclusão?

_____

_____

6 - Pela sua experiência, como tem sido a participação da família no processo de aprendizagem dos alunos?

_____

_____

7 - Para você como se dá o processo de inclusão?

_____

_____

8 - Incluir não é somente estar no mesmo espaço físico. Como fica a aprendizagem dos alunos com com NEE? Quais seus potenciais?

_____

_____

9 - No dia-a-dia, quais as maiores dificuldades que o professor enfrenta?

_____

_____

10 - A escola está preparada para incluir? O que falta?

_____

_____

11 - Você estabelece ou estabeleceu no inicio uma rotina para o seu trabalho? Segue algum planejamento?

_____

_____

12 - De acordo com sua prática descreva sobre:

Seus alunos: _____

_____

_____

_____

As adaptações curriculares: _____

_____

_____

_____

As estratégias metodológicas: _____

_____

_____

_____

Os recursos materiais: _____

_____

_____

A avaliação: _____

_____

13 - Quais suas expectativas sobre as ações em defesa da educação inclusiva?

_____

Obrigada por sua colaboração!

B - Questionário para os Pais (Modelo)

Prezado (a) Pai (a) ou responsável,

Estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de auxiliar a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, cujo tema é "A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS ESPECIAIS" e gostaria de contar com sua colaboração preenchendo esse questionário.

Por favor, procure responder com bastante sinceridade ao questionário e não se preocupe, pois suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada.

I – Nascimento e diagnóstico da deficiência

Questão 1 - Como foi para vocês, para os irmãos e para demais familiares o nascimento de uma criança com necessidades educacionais especiais?

_____

_____

Questão 2 - Como foi a sua gravidez?

_____

_____

Questão 3 - Por ocasião do nascimento, vocês procuraram ou receberam algum tipo de ajuda profissional?

_____

_____

Questão 4 - Atualmente como vocês e os irmãos se relacionam com a criança?

_____

_____

II - Dinâmica familiar

Questão 1 - Quem é ou quem são os responsáveis pelos cuidados com a criança?

_____

Questão 2 - Relate um fato marcante da infância do seu filho?

_____

_____

Questão 3 - Quais mudanças e/ou adaptações foram efetivadas na vida familiar após o nascimento?

_____

_____

Questão 4 - O que ele realiza de forma autônoma?

_____

_____

Questão 5 - Como vocês imaginam o futuro do seu filho?

_____

_____

III - Atitudes e percepções frente à escolarização e socialização

Questão 1 - Como é a educação do seu filho?

_____

_____

Questão 2 - Quais são os benefícios da inclusão para alunos com NEE?

_____

_____

Questão 3 - Você aprova a proposta da inclusão?

_____

_____

Questão 4 - O que a família faz nos momentos de lazer?

_____

_____

Questão 5 - Fale algo sobre os direitos da pessoa com necessidades especiais.

_____

_____

Questão 6 - Quais são os Benefícios da Inclusão para os Alunos sem "Necessidades Especiais"

_____

_____

Obrigada pela colaboração!

A – Carta de Apresentação – Escola (Modelo)

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Ao Sr(a) Diretor (a):
Escola JK
De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel
Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodólgicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como conseqüência uma educação inclusiva.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Izilda Rodrigues Viana Assis, sob orientação da Profa. Mestre Susana Silva Carvalho cujo tema é:Aprendizagem de Crianças com Necessidades Educativas Especiais, possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) ou por meio dos e-mails:.

Atenciosamente,
Diva Albuquerque Maciel
Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor/Monitor/Prof. Educ. Física/Equipe Diretiva (Modelo)

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre "Aprendizagem de Crianças com Necessidades Educativas Especiais". Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa preenchimento de um questionário, observações em sala, intervenções, das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone xxxx ou no endereço eletrônico xxxxx. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

_____

Izilda Rodrigues Viana Assis

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar - UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? ( ) Sim ( ) Não

Nome:

_____

Assinatura:

_____

E-mail (opcional):

_____